

Narrativa transmídia no jornalismo: Uma análise comparativa de reportagens especiais da Folha de São Paulo e Folha de Londrina¹

Cauê Rinado SILVA²

Emmanuely Geisyely de Oliveira ASSUNÇÃO³

Hugo José Macário LIMA⁴

Luiz Marcelo Robalinho FERRAZ⁵

Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL

RESUMO

O presente artigo faz uma análise comparativa de duas reportagens transmídia – “O amor nos tempos do ‘Corona’” (*Folha de Londrina*, PR) e “A batalha de Belo Monte” (*Folha de S. Paulo*, SP), investigando como a transmidialidade se evidencia na prática da produção jornalística. Busca-se compreender as estruturas transmídia das narrativas propostas por esses veículos e como elas divergem dos modelos de reportagens usuais. A análise é feita seguindo conceitos de autores que tratam da transmidiação (ALVES, 2015; CANAVILHAS, 2014; JENKINS, 2006; MOLONEY, 2015; RENÓ, 2014; RENÓ; FLORES, 2012; SALAVERRIA, 2005) associada à proposta da pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2006), que propõe uma construção linear da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Folha de Londrina; Folha de São Paulo; jornalismo; narrativa transmídia; reportagem.

INTRODUÇÃO

No jornalismo, a narrativa transmídia ainda é um modo relativamente recente de produção do conteúdo jornalístico. Isso fica claro quando percebemos que o novo modelo costuma ser utilizado em situações mais específicas, não sendo tão adotado no cotidiano dos veículos de comunicação, sejam eles tradicionais ou independentes, o que faz com que as produções jornalísticas transmídia se restrinjam cada dia mais.

Isso difere da lógica da indústria do entretenimento, conforme aponta Marcio Carneiro (2017). Na atualidade, as pessoas estão cada vez mais consumindo conteúdo transmídia, tendo em mente a amplitude, por exemplo, de universos cinematográficos os

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e-mail: caue.rinaldo@icloud.com.

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e-mail: emmanuely2955@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e-mail: euhugolima@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte (Ichca-UFAL), e-mail: marcelo.robalinho@ichca.ufal.br.

quais levam o público para variadas mídias na busca da criação de narrativa mais ampla e universal que permita ao consumidor vivenciar uma experiência “completa”. Nesse cenário da convergência, o jornalismo passa por transformações nas quais diversas ferramentas surgem, sendo praticamente todas utilizáveis para construir uma narrativa transmídia que busca conectar o usuário de formas diferentes. Como afirma Salaverria (1999), a flexibilidade do meio digital colabora para a organização das informações de acordo com as diversas estruturas hipertextuais. Por isso, cada informação exige uma estrutura própria – segundo suas peculiaridades e os elementos multimídia disponíveis.

Pensando nisso, nosso artigo busca analisar como a transmidialidade ocorre no jornalismo contemporâneo. Tomamos como material empírico duas reportagens jornalísticas publicadas por dois meios de comunicação que vêm desenvolvendo iniciativas transmídia. Uma delas é o especial transmídia “O amor nos tempos do ‘Corona’”, veiculado pela *Folha de Londrina* (PR) e a outra, a reportagem “A batalha de Belo Monte”, da *Folha de São Paulo* (SP). Através da discussão de ideias e conceitos relativos à transmidialidade e à lógica da pirâmide deitada, cada uma será analisada em separado e depois comparativamente de modo que as abordagens esclareçam as tendências colocadas em prática pelos veículos a fim de entender como o fenômeno transmídia vem ocorrendo a partir dos conteúdos produzidos.

A TRANSMIDIALIDADE NO FOCO NARRATIVO

Para compreendermos melhor a transmidialidade, é preciso entender o conceito de narratividade. Segundo Coimbra (1993), na Teoria da Narrativa, há um enfoque nas possibilidades do foco narrativo, direcionando os aspectos do texto jornalístico que estão circundando em torno do tempo e do espaço, seja físico, social ou psicológico, com uma ambientação, sendo tais pontos responsáveis pela leitura do texto. Com a função de informar, a narrativa jornalística tem o objetivo de relatar os fatos diários. Nesse caso, a narração funciona como um modelo discursivo de um relato para enquadrar os conteúdos. “Ao se recriar esse mundo no modelo narrativo, entretanto, todo o conteúdo passa a uma nova forma de realidade, a realidade da narrativa – da representação, da artificialidade e da subjetividade” (GRUBER; SARAIVA, 2013, p. 5).

Também consideramos o modo em que a narrativa transmídia se caracteriza enquanto estrutura, na visão de Jenkins (2009), pincelando entre as partes da história,

como as que são distribuídas nas plataformas, tendo espaço para que haja identificação do leitor com o que está lendo e, assim, havendo compreensão do todo. No mesmo ponto, há permissão de que a história seja expandida, considerando certas ferramentas e recorrendo a estratégias de mídias que conectem. Segundo Jenkins, cada plataforma funcionaria como pequenos “microcosmos” com função de relatar partes da história, contribuindo para a compreensão global do todo. No cenário de convergência das mídias, surge uma nova estética, em que se revelam novas demandas dos consumidores, cada vez mais ativos na cadeia comunicacional, além da participação ativa das comunidades de conhecimento, permitindo uma maior sinergia com o público numa produção cada vez mais colaborativa, atraindo mais atenção em função disso.

O presente estudo caminha para investigar, de maneira associada ao olhar de João Canavilhas (2014), a construção textual dos objetos de análise escolhidos para este paper no intuito de compreendermos aspectos que se relacionem e se divirjam na proposta da transmidialidade jornalística. Ao refletir sobre o texto jornalístico para web, Canavilhas (2006) propõe uma nova maneira de ler e escrever a notícia, não mais baseada na lógica da pirâmide invertida (informação mais importante no começo do texto para a menos importante no final). Em vez disso, sugere-se uma leitura “horizontalizada” da informação, baseada em níveis de unidade base, de explicação, de contextualização e exploração, partindo de menos informação até mais informação.

A unidade base conteria o essencial da notícia, ou seja, algumas das perguntas comuns ao lide noticioso (“o quê”, “quem”, “quando” e “onde”), enquanto a unidade de explicação complementaria dados sobre o acontecimento relatado, respondendo ao “como” e “por quê”. O nível da contextualização aprofundaria o conteúdo informacional em formatos de mídia como texto, vídeo, áudio e infografia animada. Por fim, no nível da exploração, a notícia seria ligada a arquivos externos, incluindo fontes primárias onde o jornalista pesquisou sobre o assunto. Nessa estrutura linear, “o leitor pode abandonar a leitura a qualquer momento sem perder o fio da história. Porém, neste modelo é-lhe oferecida a possibilidade de seguir apenas um dos eixos de leitura ou navegar livremente dentro da notícia” (CANAVILHAS, 2006, p. 14).

Nessa nova lógica de organizar a notícia, o repórter tende a assumir uma nova característica, a de um documentalista, capaz de expor o relato dos acontecimentos nos diversos suportes oferecidos pelo veículo de comunicação em questão, conforme as

necessidades da pauta e da abordagem jornalística adotada na produção jornalística. Com o propósito de relacionar o que fundamenta Jenkins (2006) no tocante à cultura de convergência e narrativa transmídia na articulação com o novo modelo de produção jornalística de Canavilhas (2006), o presente artigo busca fazer um comparativo prático de reportagens especiais transmídia, como veremos a seguir.

SOBRE A METODOLOGIA

O processo metodológico se fundamenta na análise da narrativa, produção, edição e critérios de veiculação de duas reportagens especiais transmídia, sendo elas: “O amor nos tempos do ‘Corona’”, produzida pela *Folha de Londrina* (PR), e “A batalha de Belo Monte” veiculada pela *Folha de São Paulo* (SP). As reportagens foram escolhidas segundo as propostas narrativas no campo da informação jornalística. No caso da *Folha de Londrina*, a opção se deu pelo trabalho do veículo com a transmidialidade, apresentando desde 2017 um caderno especial para reportagens construídas com base no conteúdo transmídia, buscando uma experiência diferenciada com os leitores do jornal. Quanto à reportagem da *Folha de S. Paulo*, a decisão se motiva pelo destaque da matéria avaliada no meio da imprensa no que diz respeito à transmidialidade.

O procedimento analítico da pesquisa objetiva a qualificar a transmidialidade no universo da comunicação social a partir dos objetos escolhidos, suas similaridades e divergências a ponto de discutir o encontro da fundamentação científica com a prática. Além disso, é possível destacar as potencialidades desse novo formato de redação jornalística e criação de conteúdo, bem como os déficits apresentados pelas produções observadas. Com base nas leituras dos autores apresentados, essa proposta sustenta a possibilidade de um confronto que qualifique o cenário da produção textual informativa em convergência com o avanço das novas tecnologias. Em consequência a esse exame, há um diálogo que propõe destacar os diferenciais dos materiais e o que é possível alcançar por meio da metodologia.

O AMOR NOS TEMPOS DO ‘CORONA’ – FOLHA DE LONDRINA (PR)

A reportagem especial transmídia “O amor nos tempos do ‘Corona’”, publicada em 3 de maio de 2020 e assinada por Patrícia Maria Alves, busca avaliar as transformações

instauradas no indivíduo de forma singular e coletiva sobre a manifestação do amor em um período de isolamento e angústia. A imagem usada na abertura reforça a manchete, remetendo à virtualidade das relações (**Figura 1**).

Figura 1 - Intertextualidade na titulação do especial transmídia - Folha de Londrina, 1º mai. 2020



Fonte: Print Site Folha de Londrina

O título da reportagem é uma remissão intertextual ao título da obra “O amor nos tempos do cólera”, um famoso romance escrito pelo colombiano Gabriel García Márquez (1995) e ambientado no século 19, época em que a cólera acometia a população no mundo, devido às más condições sanitárias, provocando milhares de mortes⁶. No subtítulo da reportagem – “Em março de 2020 o amor foi apartado” – vemos a conexão do tema da

⁶ Entre 1849 e 1950, cerca de 1.000 pessoas morreram num surto ocorrido na Colômbia. Foi considerada uma calamidade pública pela maior mortandade registrada. Em “O amor nos tempos do cólera”, Márquez busca descrever as condições sanitárias precárias da cidade onde vivem os personagens, São João de Ciénaga (GUIMARÃES, 2021).

reportagem com o contexto da pandemia, dotando o intertexto de novo sentido, ao tratar de como o distanciamento e o isolamento social a que a população foi obrigada a vivenciar causaram uma série de conflitos internos nas pessoas, ao serem apartadas do convívio social. De maneira totalmente diferente à história da obra literária, mas não menos conectada ao significado de uma separação, o que está em jogo na abordagem da reportagem são os impactos de uma separação geográfica forçada por uma pandemia nos relacionamentos entre as pessoas.

O texto da *Folha de Londrina* é construído com base em relatos, fotografias, vídeos e citações, sejam essas bíblicas ou poéticas, que se conectam e criam um caminho para uma leitura conexa. Recursos de acessibilidade são dispostos logo no início da página, do lado esquerdo, logo abaixo à fotografia principal que abre a reportagem, em que podemos escutar o conteúdo, alterar o tamanho da fonte utilizada e a cor do fundo da página. Além dessas ferramentas, no canto diametralmente oposto, temos a possibilidade de compartilhar o conteúdo da reportagem por meio de redes sociais como Facebook, WhatsApp e Twitter.

Esse é um dos pontos de partida para a identificação de traços da transmidialidade desse conteúdo, embora isso, por si só, não configure isoladamente a prática dessa conceituação. A análise do texto verbal e não verbal da reportagem sustenta sua inserção na linha transmídia da *Folha de Londrina*. Para Jenkins (2006) e Gosciola (2012), o modelo da estrutura narrativa é ponto essencial para que se possa analisar o produto transmídia, assim como o caráter coordenado da divisão dessa história em partes que se completem para servir ao objetivo da proposta textual de corpo completo.

A narrativa transmidiática refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento. A narrativa transmidiática é a arte da criação de um universo. (JENKINS, 2006, p.47)

Essa configuração fica evidente por meio da divisão dos blocos da reportagem e suas conexões, já que cada um vai tratar de uma específica movimentação social implementada por conta da pandemia da covid-19 e as consequências dessa transformação no campo do amor em muitas das suas significâncias. O título “O amor nos tempos do ‘Corona’” e o subtítulo “Em março de 2020 o amor foi apartado” são elementos que indicam o processo de (re)construção linguística do texto. A composição da reportagem é feita em um tom poético e se aproxima do leitor para criar uma relação

que, muitas vezes, ocorre por identificação das situações rotineiras que são apresentadas no decorrer da leitura.

Isso diferencia o texto em questão de reportagens mais usuais que optam por uma linguagem primordialmente verbal e mais objetiva. É válido aqui ressaltar que a utilização de uma fotografia e vídeo em um esquema transmídia serve ao propósito de, coletivamente, gerar significado e agregar valor indispensável ao que se é criado. De acordo com Renó (2014, p. 5), “transmídia é uma linguagem contemporânea e social construída por vários conteúdos através de diferentes mídias com significados independentes, mas coletivamente oferecendo um novo significado”.

Ainda no tocante a linguagem, divisão textual e entrada de textos, é essencial ressaltar que cada subtítulo auxilia na especificação da história para uma determinada situação em torno do quadro principal, o que torna a leitura da reportagem um processo guiado para as diversas camadas dessa narrativa que compõem o texto principal.

Outro ponto de destaque para a configuração proposta é o dialogismo intertextual apresentado inicialmente por Eco (1989). A reportagem faz uso de fotografias diversas e de múltiplas autorias, de um trecho do poema “Amar” de Carlos Drummond de Andrade, de citações bíblicas e de vídeos-relatos. Todos os recursos se comunicam e complementam seus significados para a edificação de uma narrativa única. É interessante notar que caso essas fotografias fossem utilizadas, de maneira isolada, serviriam a um propósito diferente em qualquer outra produção, assim como o texto de Drummond e as citações da Bíblia. A composição que é criada com a utilização desses recursos em polifonia caracteriza a transmidialidade da reportagem, já que é formada por meio de uma multimidialidade com distinto valor para a criação de sentido textual.

Narrativas transmídia são histórias que se desdobram através de múltiplas plataformas de mídia, com cada meio fazendo distintas contribuições para a nossa compreensão do mundo narrativo, numa abordagem mais integrada para o desenvolvimento de franquias que os modelos baseados em urtexts¹ e produtos auxiliares. (JENKINS, 2006, p. 293)

Os recursos visuais se fazem presentes na reportagem de modo a complementar a compreensão do conteúdo que está sendo transmitido, o público consegue assimilar as informações com mais facilidade e com um enriquecimento vasto, tanto visualmente quanto informativo em geral. Em convergência a isso, a descrição dos vídeos em textos torna-se, de certa forma, secundárias, de tão evidentes e primordiais que os demais

elementos são numa reportagem transmídia. Esses elementos estão fortemente ligados à reportagem em questão, uma vez que apresenta a história por meio de um conceito universal, com variadas perspectivas do mesmo tema. Sendo assim, nota-se que o conteúdo presente ali conecta e agrega um ao outro, tornando as experiências dos depoentes e dos leitores a mais enriquecedora possível.

Com base nisso, vale a observação de que alguns dos vídeos-relato são dispostos na página entre as citações dos mesmos indivíduos. Isso explica a tamanha importância das outras mídias dentro da transmidialidade, uma vez que há uma conexão entre o verbal e visual que amplia o sentido da mensagem e a completa. Destaca-se aqui a diferença desse tipo de reportagem no processo de diagramação, já que o vídeo é disposto no meio de uma fala transcrita.

Nos espaços de interatividade e de multimídia, os leitores são ativos e assumem o papel de autores e receptores da informação. Nos processos interativos, o usuário, através de novos caminhos, obtém novas experiências; o indivíduo é livre para estabelecer o caminho a ser percorrido, constrói uma navegabilidade particular e é capaz de interagir e recriar a trajetória hipertextual. (ALVES, 2015, p.12)

É importante avaliar que o lide (o primeiro parágrafo da notícia que responde às questões básicas, “o que”, “quem”, “quando”, “onde”, “como” e “porque”) no jornalismo transmídia não segue os conceitos jornalísticos de uma reportagem tradicional, que seria a pirâmide invertida. De acordo com João Canavilhas, o modelo de escrita seria a pirâmide deitada, iniciando de uma "unidade base" até chegar ao "nível de exploração". Entretanto, quando se lê a reportagem em análise, “O amor nos tempos do ‘Corona’”, não se identifica a condução linear por entre essa ideia. Na verdade, há apenas dois elementos-base logo de início, as perguntas “o quê?” e “por quê?”, que são respondidas nos primeiros parágrafos do texto. Porém, as demais estão dispersas, ficando com suas respostas subentendidas ou explícitas (dependendo do relato) em cada história contada.

Os níveis de contextualização e explicação são englobados junto às perguntas-base que chegam antes das outras partes que se identificam na pirâmide como “Unidade Base”. Sendo assim, é possível pensar que nesse texto da *Folha de Londrina*, assinado por Patrícia Maria Alves, não há uma pirâmide, e sim um círculo, que atua de maneira dispersa, criando um sentido de leitura que chame a atenção, e principalmente a emoção do leitor, para as histórias contadas. Todas as unidades presentes na pirâmide proposta por Canavilhas (2006) estão representadas, porém sem seguir o modelo que apresenta.

A BATALHA DE BELO MONTE – FOLHA DE SÃO PAULO (SP)

Publicada em 16 de dezembro de 2013, no especial “Tudo Sobre”, da *Folha de São Paulo*, a reportagem “A batalha de Belo Monte” conta a história da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, na bacia do Rio Xangu, no sudoeste do estado do Pará. A produção envolveu cinco enviados especiais à região: os repórteres Marcelo Leite, Dimmi Amora, Morris Kachami, Lalo Almeida e Rodrigo Machado. A caracterização como narrativa jornalística transmídia é fundamentada por se apresentar fazendo uso de diferentes mídias que se completam para a produção final. Apesar da multimídia não configurar exclusivamente a narrativa transmídia, a produção objeto de análise usa dessa ferramenta para gerar conexão, promover interação e possibilitar liberdade de navegação. Esses resultados configuram a caracterização de um material do campo informativo como transmídia, diferenciando-se de conceitos originais de transmidialidade, uma vez que essa se origina no entretenimento.

Se o mundo da história [storyworld] é vagamente definido ou grande demais, uma das maiores vantagens da narrativa transmídia – proporcionar o engajamento e o aprendizado através da mídia - é perdida. Claramente, um leitor engajado sempre pode explorar a mídia em um assunto de interesse por si mesmo, mas possibilitar essa exploração por meio do design contribui para os objetivos jornalísticos de fornecer informações rigorosamente coletadas em vez de rumores e a direcionar informações importantes para públicos cruciais. (MOLONEY, 2015, p.129)

Tendo isso em mente, é necessário associar a importância dos recursos visuais e de multimídia como mecanismos de introdução da transmidialidade no meio da comunicação social, gerando maior pluralidade de conteúdo e fluxo de exploração. A partir disso, é concebível uma análise da reportagem especial da *Folha de S.Paulo* sob uma perspectiva de inovação narrativa. Dividida em cinco capítulos (Obra; Ambiente; Sociedade; Povos indígenas e História), com 24 vídeos, 55 fotos, 18 infográficos e um jogo, a reportagem apresenta seu conteúdo de maneira visualmente atraente a ponto de impulsionar o interesse e gerar discussão. A capa do material indica os conteúdos que estão dispostos durante a navegação e apresenta o teor literário do texto.

Figura 2 – Riqueza de imagens e dados em “A batalha de Belo Monte” - Folha de S.Paulo, 16 dez. 2013



Fonte: Print Site Folha de S.Paulo

Partindo disso, vale discutir a construção narrativa em contrapartida com a linguagem usual de materiais jornalísticos. Apesar do uso de intertítulos, a estruturação da reportagem ocorre, primordialmente, por meio de capítulos. Isso evidencia o tom literário e o processo de edição do material.

Logo no primeiro capítulo – “Obra” – são usados gráficos e imagens animadas para enriquecer o texto e facilitar meios de investigação e assimilação do conteúdo. Os dados são ilustrados, sejam eles objetivos, em relação aos gastos com a obra, materiais utilizados, quantidade de operários e faixa etária, sejam eles subjetivos, em relação à opinião dos trabalhadores diante dos recursos e das condições de atuação ou às suas vivências durante o processo. Há uma maior interatividade no consumo da informação, já que o leitor consegue conectar os recursos verbais aos não verbais e construir, de acordo com a análise, um parecer sobre a pluralidade informacional disposta.

Nesse capítulo, há um aplicativo que permite ao leitor pilotar o “Folhacóptero”, nome escolhido para a ferramenta, sobre Belo Monte. Disponível para a web e em sistemas operacionais de celulares, esse instrumento ultrapassa os limites de uma construção que se restringe à proposta dialógica de textos verbais ou não verbais e torna o processo de leitura, interação e participação do usuário um cenário de imersão que se aprofunda na ação direta dele, de maneira multilinear e integrada, como se fizesse parte da história por dentro, ou pelo menos mais de perto.

Diferença entre Jornalismo transmídia sobre outras formas de narrativa jornalística é que com a narrativa transmídia é possível utilizar as possibilidades de comunicação presentes na sociedade pós-moderna, onde a mobilidade a liquidez de estruturas, ou seja, a interatividade, assumem papéis importantes no campo da comunicação, como envolver e atrair o receptor para interpretação participativa da mensagem (RENÓ; FLORES, 2012, p. 82).

Além disso, vale destacar o processo de humanização da reportagem por meio das escolhas fotográficas. A ilustração subjetiva do texto ocorre para apresentar as condições do serviço realizado e dar face àqueles que trabalham na construção da usina, gerando identificação e despertando empatia no leitor. As ferramentas já apresentadas servem ao mesmo propósito, de acordo com o objetivo narrativo de cada bloco textual.

O segundo capítulo – “Ambiente” – discorre sobre as problemáticas em torno da construção da usina. Seguindo com o tom literário, recurso que constrói um dialogismo textual diverso do habitual em textos jornalísticos, mesclando os tipos narrativo e expositivo, esse bloco é introduzido com histórias que cercam a vida dos grupos indígenas e das populações ribeirinhas que são diretamente afetadas pela obra. A transmidialidade presente na produção até o capítulo apresentado é confirmada pelo abundante uso dos recursos multimídia, a fim de criar um ambiente imersivo e que tenha valor.

É necessário que previamente se pense na estrutura da reportagem; como direcionamento, uso de recursos gráficos, imagens, vídeos e outros elementos multimídias que agregam sentidos e linguagens à reportagem; antes mesmo de se pensar na produção de conteúdo. A logística da narrativa transmídia deve ser o ponto de partida para construção de um hipertexto. (ALVES, 2015, p. 70)

Ainda no tocante à imersão da proposta, outro ponto de destaque na análise desse objeto é o uso de recursos de áudio que são dispostos com a finalidade de tornar viva a experiência. As entrevistas apresentam um conteúdo que ultrapassa a informação, sendo possível escutar os barulhos do ambiente e os ruídos das máquinas. Esse mecanismo é de crucial importância para gerar uma resposta no leitor e motivá-lo a interagir para além do seu processo de leitura, gerando debate nas mídias sociais, nas rodas de conversa e em fóruns de discussão.

Ainda em relação às vivências dos povos mais afetados da região, o terceiro capítulo – “Sociedade” – busca tratar do assunto sob a perspectiva mais cotidiana daqueles que se inserem na narrativa. As fotos, dispostas em galerias, servem como apoio à formulação de sentido do tema em específico e do sentimento de aproximação dos personagens,

leitores e produtores da matéria. Há um encontro da perspectiva de quem capta aquela imagem, do texto que interage com tal produção e das referências e do processo de assimilação de cada leitor.

Para fechar o enfoque social da reportagem, o quarto capítulo – “Povos indígenas” – traz as medidas tomadas para melhorar as condições de vida de nove povos indígenas e a exclusão das comunidades ribeirinhas. O tom literário não é deixado de lado e atua como mecanismo de linguagem para dar vida a história e criar pontos de questionamento dentro na narrativa. No capítulo em questão, é possível passear por um mapa interativo da Bacia do Xingu, dando oportunidade ao leitor de tornar visível, para além da imaginação, aquilo que informa o texto. Essa construção que ultrapassa os limites da uma única plataforma reitera a indicação transmidia do objeto estudado.

Narrativas transmídia são histórias que se desdobram através de múltiplas plataformas de mídia, com cada meio fazendo distintas contribuições para a nossa compreensão do mundo narrativo, numa abordagem mais integrada para o desenvolvimento de franquias que os modelos baseados em urtexts¹ e produtos auxiliares. (JENKINS, 2006, p. 293)

Em “História”, último capítulo da produção, a reportagem ainda faz uso das imagens e dos hiperlinks. No primeiro caso, para humanizar as histórias que encerram o especial e, em relação ao uso de atalhos, servindo como base de interação e expansão, para que o leitor possa escolher a maneira como consome o conteúdo e, a depender da escolha, aprofundar o conhecimento sobre o tema. Nesse capítulo, há a apresentação dos créditos da produção do conteúdo de análise.

É indiscutível a inserção da reportagem “A batalha de Belo Monte” nesse novo modelo de narrativa jornalística. Ao olhar de Canavilhas (2006), é possível pontuar também, por meio da análise dos capítulos de maneira isolada e suas configurações complementares, níveis de exploração de um conteúdo que funciona de maneira particular, no processo de leitura de cada bloco textual da reportagem, e é funcional no conteúdo completo. Sendo assim, há níveis de exploração que podem ser percorridos em cada capítulo de maneira singular, assim como essa exploração pode acontecer na pluralidade do conteúdo. O núcleo de possibilidades disposto para o leitor caracterizam uma produção plural e que trabalha com base em conceitos de exploração, interação, investigação, conexão e construção narrativa que cercam a transmidialidade.

ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS

A reportagem “O amor nos tempos do ‘Corona’”, da *Folha de Londrina*, traz uma significativa diferença com relação ao texto “A batalha de Belo Monte”, da *Folha de São Paulo*, uma vez que o conteúdo se estende de forma circular e complementar, o que possibilita uma leitura sempre direcionada ao tema principal, não abrindo espaço para muitas singularidades, apesar dos diversos relatos inseridos na produção. Essa questão é divergente na reportagem sobre Belo Monte, já que os capítulos apresentam singularidades em torno de uma mesma questão. Isso não impossibilita o leitor de realizar uma leitura diversa e tornar o caminho particular, configurando-se em uma estrutura textual mais próxima da pirâmide deitada, proposta por Canavilhas (2006).

Um dos pontos de encontro dos dois objetos de estudo é a utilização de diferentes tipos de mídias dentro da produção jornalística. Na reportagem da *Folha de Londrina*, há o uso de vídeos, fotos e áudios. Já na produção da *Folha de São Paulo*, encontram-se textos, infográficos, fotos, áudios e vídeos. No tocante às ferramentas, o veículo de comunicação paulista se aprofunda em fazer uso de outras plataformas para além da diversidade de mídias. Neste caso, é possível ter contato com mapas interativos e um aplicativo que possibilita uma experiência de imersão na leitura.

É importante destacar que o conteúdo dos objetos estudados destoa, o que explica as decisões tomadas para a configuração da transmidialidade e a construção narrativa. No caso da reportagem “O amor nos tempos do ‘Corona’”, há uma inclinação para o uso de um dialogismo textual que converse com as mídias apresentadas para dar tom ao texto e criar uma experiência emocional. A reportagem “A batalha de Belo Monte”, por sua vez, não opta por abusar do dialogismo textual, mas faz uso abundante de experiências visuais e interativas que possibilitam uma discussão. Ambas as propostas servem a um novo modelo de construção informativa e, apesar de servirem a um texto jornalístico, as produções se alimentam de uma fundamentação estrutural que surgiu no campo do entretenimento para gerar conteúdos que sirvam a uma narrativa maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transmidialidade tem grande potencial dentro do jornalismo brasileiro pela sua construção que estebelece um consumo mais interativo e imersivo. Todo o trabalho nesse

novo modelo de produção jornalística visa uma ampliação do conteúdo que prioriza conectividade e ampla veiculação, em diversas plataformas e formatos, o que se difere do jornalismo usual. Esse processo da construção jornalística padrão costuma restringir os modos de narrativa e, em alguns casos, as opções de consumo e interação do leitor em uma era na qual a cultura participativa se faz fundamental. Quando se fala sobre ampliar os recursos e plataformas de um produto, entende-se que a informação passa por um processo de democratização, no qual pelo menos um dos meios atingirá cada parcela do público.

Seus recursos de acessibilidade e sua variedade de mídia permitem que o conteúdo seja de entendimento de qualquer público, podendo ser possível ir além do público-alvo pensado para o texto. Além desses pontos, há o fator da ampla narrativa que possibilita maior interação e informação. A construção textual também caminha para fazer uso de diversos tipos textuais com a finalidade de construir um produto atraente e imersivo.

Muitos são os pontos a serem levantados a partir da análise de objetos que se assemelham quanto ao formato e, ainda assim, destoam em conteúdo e critérios de construção, edição e veiculação. Neste artigo, foi possível averiguar que o jornalismo se reinventa para ampliar os recursos de narrativa, mas que o faz de maneira distinta, conforme as singularidades de cada veículo e suas estratégias de atrair o público. Questiona-se a interferência do conceito de multimídia na apresentação do texto transmidia para o meio jornal, mesmo no formato digital, mas ainda assim se confirma a presença de um novo processo narrativo que se compõe de diferentes formatos, sejam eles de plataforma ou mídia, para uma produção de maior complexidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, W. M. **Linguagem transmídia, uma narrativa para a arte de se fazer jornalismo**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126664>>.

CANAVILHAS, J. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Covilhã, Portugal, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2022.

_____. Jornalismo transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: RENÓ, D. et al. (Orgs.). **Periodismo transmídia: miradas múltiples**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

ECO, Umberto. Sobre os espelhos e outros ensaios. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989

GOSCIOLA, V. NARRATIVA TRANSMÍDIA: A PRESENÇA DE SISTEMAS DE NARRATIVAS INTEGRADAS E COMPLEMENTARES NA COMUNICAÇÃO E NA EDUCAÇÃO. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/692>. Acesso em: 07 jul. 2022.

GUIMARÃES, J. C. O amor nos tempos do cólera: o grande livro de García Márquez que ficou à sombra de Cem anos de solidão. **Bula Revista**, Brasília-Goiânia, 25 abr. 2021. Livros. Disponível em: < <https://www.revistabula.com/32604-o-amor-nos-tempos-do-colera-o-grande-livro-de-garcia-marquez-que-ficou-a-sombra-de-cem-anos-de-solidao/>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

GRUBER, D. F.; SARAIVA, J. I. A. A narrativa literária no conto-reportagem: jornalismo e literatura na revista Realidade. In: Enalli - Encontro Nacional de Língua e Literatura, 5., 2013, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. **Anais...** Universidade Feevale, 2013.

JENKINS, H. **Fans, Bloggers, and Gamers: Exploring Participatory Culture**. New York: New York University Press, 2006.

MARCONI, P. Folha lança caderno especial transmídia. **Folha de Londrina**, Londrina, Paraná, 15 set. 2017. Disponível em: < <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/folha-lanca-caderno-especial-transmidia-988500.html>>. Acesso em 16 jul. 2022.

MÁRQUEZ, G. G. O amor nos tempos do cólera. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

MOLONEY, K. **Future of Story: Transmedia Journalism and National Geographic's Future of Food Project**. 2015. 165 f. Tese (Ph.D.) - College of Engineering and Applied Sciences, University of Colorado Boulder, 2015.

RENÓ, D.; FLORES, J. **Periodismo Transmedia: Reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos**. Madrid, 2012.

RENO, D. GOSCIOLA, Vicente (Org.). **Narrativas transmedia entre teorías y prácticas**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2012.

SALAVERRIA, R. De la pirámide invertida al hipertexto. **Novática**, Barcelona, España, n. 142, p. 12-15, nov./dic., 1999. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/5186/4/de_la_piramide_invertida_al_hipertexto.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2022.

SANTOS, M. C. D. EXISTE JORNALISMO TRANSMÍDIA? CONSIDERAÇÕES SOBRE O REÚSO DE CONCEITOS. **Revista GEMInIS**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 136–149, 2017. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/308>. Acesso em: 15 jul. 2022.